

AINDA ESPORTE, QUE BOM! MAS SOB OUTRO OLHAR! A TEMATIZAÇÃO DOS "ESPORTES ALTERNATIVOS" NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Still Sport, Good! But under another look! Thematization of "alternative sports" in the initial training of Physical Education teachers

Todavía deporte, ¡qué bonito! Pero bajo otra luz. La tematización de los "deportes alternativos" en la formación inicial de los profesores de Educación Física

Paula Viviane Chiés– UEG*
Alessandra Carvalho Leite**
Guilherme Souto Gomes Magri***

Resumo: A tematização dos "esportes alternativos" na Educação Física escolar foi escolhida como um caminho para se discutir novas possibilidades de práticas pedagógicas do Esporte na Educação Física escolar (Efe). Foi implementado um processo de coleta de dados com 25 alunos de um curso de Educação Física de Brasília/DF, 22 alunos da amostra responderam a duas aplicações de entrevistas semiestruturadas e tiveram a vivência de uma prática derivada do Futebol Americano (FA). A investigação contou com mais três alunos do referido curso, que tiveram outro papel no estudo ("estudantes pesquisadores"). Infere-se que os/as participantes demonstraram inflexibilidade em reconhecerem a importância dos arranjos das modalidades oficiais como jogos ou derivações, continuando a terem como referência o modelo esportivo oficial.

Palavras-chave: Esportes Alternativos. Tematização. Formação de professores.

Abstract: A data collection process was implemented with 25 students from a Physical Education Degree course in Brasília/DF, 22 students in the sample responded to two applications of semi-structured interviews and the experience of a game derived from American Football, as a guideline for the theme of "alternative sports". The investigation included four other students from the aforementioned course, who had another role in the study ("student researchers"), taking on the conduction of all stages of the study together with the guiding research. At the end of the process, the participants' difficulty in projecting the possibilities of pedagogical development of American Football in schools was observed, even with the changes presented in the didactic situation experienced, linking obstacles relevant to the formal sport.

Keywords: Alternative Sport. Thematization. Teacher training.

Resumen: La tematización de los "deportes alternativos" en la Educación Física fue elegida como forma de discutir nuevas posibilidades de prácticas pedagógicas del Deporte en la Educación Física escolar. Se implementó un proceso de recolección de datos con 25 alumnos de una carrera de Educación Física en Brasília/DF. 22 alumnos de la muestra respondieron a entrevistas semiestruturadas y experimentaron una práctica derivada del Fútbol Americano. La investigación contó con la participación de otros tres alumnos del curso, que desempeñaron papel en el estudio ("alumnos investigadores"). Se puede inferir que los participantes mostraron inflexibilidad en el reconocimiento de la importancia de los arreglos de los

*Docente da Universidade Estadual de Goiás. Pós-Doutoramento no IP-UnB. Doutorado em Psicologia (Social) pela PUCSP. Mestre em Educação Física pela USP. Líder do Grupo de Estudos Socioculturais e Pesquisa em Educação Física (GESPEF-UEG). E-mail: paula.chies@ueg.br.

**Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Membro do Grupo de Estudos Socioculturais e Pesquisa em Educação Física (GESPEF). E-mail: alessandra.carvalho@edu.se.df.gov.br.

***Professor da Escola Eleva Brasília. Membro do Grupo de Estudos Socioculturais e Pesquisa em Educação Física (GESPEF). E-mail: gui.sgm27@gmail.com.

deportes oficiales como juegos o derivaciones, continuando a tener el modelo deportivo como referencia.

Palabras clave: Deportes alternativos. Tematización. Formación de profesores

INTRODUÇÃO

Uma série de estudos, principalmente, nos últimos cinco anos tem se empenhado em expor a adoção dos chamados “esportes alternativos” como um caminho para a ressignificação das práticas esportivas na Educação Física escolar (MATOS, 2019; ARAÚJO et al., 2019; SANTOS, COELHO, RAMOS, 2021). Também intitulados como conteúdos inovadores ou alternativos no ensino da Educação Física (GAROZZI, VIEIRA, AGNEZ, 2017), esses termos diferenciados têm indicado, cada um na singularidade de suas propostas, uma busca por novas práticas que se contraponham a metodologias de ensino tradicionais que, muitas vezes, limitam a prática esportiva nas escolas, a objetivos de caráter instrumental, pela predominância do apuramento técnico, competitivo e meritocrático.

Araújo, Rocha e Bossle (2018) reportam-se a uma monocultura esportiva como resultante das representações hegemônicas do Esporte na escola. O Esporte, sob os signos do rendimento e “invasor” do universo escolar, coaduna com discussões anteriores que ressaltaram os prejuízos da Educação Física submetida às representações e códigos do Esporte rendimento (BETTI, 1991, 2020; BRACHT, 1992, 1997, 2000; BRACHT, ALMEIDA, 2003). Essa crítica também foi abordada no binômio “esporte na escola” e “esporte da escola” traçado por Vago (1996). Os “Esportes alternativos” sinalizam novas possibilidades pedagógicas, que se afastem da restrição dos esportes tradicionais dada sob a hegemonia das quatro modalidades esportivas convencionais e mais midiáticas no Brasil – handebol, futsal, basquetebol e voleibol, e embarca-se a outras práticas esportivas também enriquecedoras e que possam ser desenvolvidas baseadas na ocorrência social dessas práticas. A ocorrência social da prática corporal indica o que faz parte da vida dos estudantes, do que ele se interessa, do que tem sentido e significado na sua vida cotidiana e que possa ser valorizado com uma perspectiva crítica junto à formação de sua identidade social, por isso essas práticas devem ser problematizadas a partir da origem de sua expressão, de sua cultura, ou seja, de sua prática social (MOREIRA, CANDAU, 2007).

A busca da área por novas práticas visa a interferir nessa hegemonia do esporte na escola, ressaltando a pluralidade de conteúdos que deve ter espaço no meio educativo – ginástica, lutas, dança, capoeira, brincadeiras etc., assim como a busca por novas metodologias de ensino, que advenham não da simples mudança no “fazer o mesmo sob outra roupagem”, mas que emergjam de novas perspectivas pedagógicas criadas pela ressignificação da prática nas aulas de Educação Física. Essa nova prática deve combater a “esportivização” das práticas corporais na escola, combatendo o seu caráter funcionalista, instrumental e meramente competitivo.

Os “esportes alternativos” dentro da perspectiva de se conhecer outras culturas, outras práticas, outras perspectivas, já se torna pertinente pelas possibilidades de criar uma tensão entre a igualdade e a diferença. Como asseverado por Auad e Corsino (2018), tratar do contexto da Educação Física escolar como se vem sendo pensado, sobretudo, com a implementação de práticas esportivas excludentes, acaba reforçando preconceitos.

Os diferentes exemplos de abordagem reducionista encontrados na Educação Física escolar, deflagram uma metodologia de ensino das práticas esportivas como um fim em si mesmo, ocupa-se muito do “como” sem se pensar na prática social identificada como ponto de partida e objetivo da aprendizagem, quando não, a busca de resultados para as participações nos campeonatos ou jogos escolares distorce a verdadeira responsabilidade da Educação Física nas escolas.

Neira (2020) destaca que o ponto de partida para a tematização das práticas corporais é o seu contexto social, sua origem dentro da cultura estudada, assim conduz-se situações didáticas que estimulem os estudantes à vivência, análise, ressignificação, aprofundamento e ampliação das brincadeiras, jogos, esportes, ginástica, identificados como objetos de estudo da cultura corporal. As ações e pensamento que se ponderam nas referências biológicas para se pensar o Esporte, correm o risco de se utilizar da lógica da padronização e da naturalização, delimitando comportamentos biologizantes na busca a adestrar o corpo. Essa visão que naturaliza e hierarquiza as diferenças transformando-as em

desigualdades, deve ser combatida para se dar espaço à valorização da diferença e à prática pedagógica como conhecimentos situados. A prática pedagógica como conhecimento situado (CANDAU, 2014) exacerba a necessidade de historicizar o que influencia na caracterização das práticas corporais e escolares, isso porque se observa e subsidia uma análise sobre diferentes tempos e espaços para se compreender as transformações ocorridas na ideia da “natureza do ensino”, do local de fala e *locus* de atuação do professor.

Dentro do que Neira (2020) intitula como perspectiva cultural, ou currículo cultural, também não desviando do que Candau (2014) sinaliza como interculturalidade, a leitura do contexto dos “esportes alternativos” como exemplo de um enriquecimento cultural às práticas pedagógicas da escola, advém justamente de quebrar ações mecanizadas e pré-concebidas do Esporte como conteúdo da Educação Física escolar. A seleção de práticas corporais a serem tematizadas vislumbra o novo e sob outro olhar, portanto, o Futebol Americano (FA) foi a prática corporal escolhida, e ao invés da indagação que pode ser colocada “por que o FA”, o estudo partiu para outra prerrogativa, outros questionamentos, um olhar para o “por que não o FA?”

O objetivo do estudo foi discutir a pertinência e validação de dois questionamentos que pairam no triângulo – “Esporte, Educação Física e escola”. Primeiramente, como se constrói a ideia da prática esportiva como hegemônica frente a outros conteúdos educacionais, junto à consequente perda da identidade da área pela sua redução aos signos esportivos de representação. Por outro lado, como combater a supremacia da prática de determinadas modalidades em relação a outras, como exemplo, o futsal como prática dominante no ambiente escolar. O estudo acredita que os “esportes alternativos” podem oferecer uma outra visão a partir de novas possibilidades pedagógicas que ressignifiquem o Esporte enquanto conteúdo educativo e que engendrem a favor do fim da lógica de discriminação e exclusão que tem marcado a Educação Física devido a reprodução dos valores do Esporte rendimento nas escolas.

MÉTODO - Participantes

O estudo contou com a participação de 25 alunos/as de diferentes turmas de um curso de graduação (Licenciatura) em Educação Física de uma instituição privada de Brasília – DF. Esses/as alunos/as assumiram papéis diferentes no desenvolvimento da investigação, isso porque três alunos eram membros do grupo de estudos que conduziu a investigação junto à pesquisadora orientadora, dessa forma, esses/as acadêmicos/as foram intitulados aqui no estudo como “estudantes pesquisadores” (P1, P2 e P3)!. Esses “estudantes pesquisadores” também foram considerados participantes do estudo, considerando-se que ao final do processo vivenciado, eles/as traduziram suas percepções sobre o processo de investigação, na elaboração de relatos de experiência assumidos também como dados coletados pelo presente estudo. Apesar de possíveis limitações no estudo perante o grau de confiabilidade dos dados, ainda assim, optou-se metodologicamente por coletar, registrar e analisar os relatos desses acadêmicos/as (estudantes pesquisadores), sobretudo, pela importância de suas experiências pedagógicas no acompanhamento de todo o processo de investigação.

O restante do quantitativo da amostra, os 22 alunos/asⁱⁱ não apresentavam nenhum vínculo com o grupo de estudo, no entanto, um dos critérios para a seleção da amostra foi que esses estudantes estivessem cursando componentes curriculares diretamente associados com as práticas de ensino, ou em específico, com o estágio supervisionado em escolas. A inferência foi de que as experiências do estágio supervisionado, assim como nas demais práticas de ensino, por empregarem vivências dentro da dialética da teoria, prática e pesquisa, potencializariam o aporte crítico do estudante frente as possibilidades metodológicas na Educação Física escolar.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO

Os/as participantes do estudo passaram por um processo de *Entrevistas Semiestruturadas* (BAUER; GASKELL, 2007), por conseguinte, mediante a aplicação de um roteiro de questões fechadas e abertas. Para a concordância à participação nas entrevistas e permissão ao uso dos relatos para o desenvolvimento de resultados a esta investigação e subsequente publicação, os/as participantes da pesquisa assinaram um *termo de consentimento livre e esclarecido* no qual tomaram consciência do

direcionamento de análise da pesquisa, afora esclarecimentos da isenção de qualquer prejuízo à descontinuidade da participação e a não exposição de dados pessoais por meio do estudo.

O estudo embasou a sua análise de dados no método de Análise de Conteúdo, referenciado pelos procedimentos e constatações de Laurence Bardin (1977). A finalidade dessa abordagem foi identificar e reconhecer os meandros de significados expressos nas narrativas dos/as participantes. As narrativas recolhidas pelas entrevistas passaram por um processo de organização às mensagens, classificando os elementos em categorias, impondo uma investigação do que cada mensagem apresentava de significados similares com outras mensagens, formando grupos ou categorias em comum.

ANÁLISE DO REFERENCIAL TEÓRICO E SELEÇÃO DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS ALTERNATIVAS

A primeira etapa do estudo foi a leitura e análise de um referencial teórico metodológico baseado na tematização do esporte na escola sob a égide de possibilidades alternativas, sobrepondo-se à monocultura de práticas esportivas tradicionais. Essas reflexões foram discutidas no grupo de estudo, conciliadas com discussões coletivas sobre planejamento didático pedagógico. Na segunda etapa do estudo averiguou-se as possibilidades de identificação e seleção de práticas esportivas não tradicionais no Brasil. As práticas esportivas não tradicionais ou alternativas foram concebidas no estudo como referentes às práticas que não estão diretamente envolvidas com o desenvolvimento do futebol/futsal, basquetebol, handebol e voleibol. A partir dessa análise foram identificadas e selecionadas em torno de cinco práticas, ou seja, modalidades esportivas comuns da cultura corporal de outros países. Como critérios para a seleção das práticas corporais foram observados os subsequentes fatores: a) demanda de recursos materiais e infraestrutura para a implementação das modalidades esportivas alternativas nas escolas; e b) possibilidades de associação dessas modalidades alternativas com experiências anteriores de prática (principalmente jogos, brincadeiras cotidianas no Brasil).

DESENVOLVIMENTO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Antes da formulação dos planos de aula, portanto, como terceira etapa do estudo, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas (BAUER, M. W.; GASKELL, 2007) como subsídios a uma avaliação diagnóstica dos participantes do estudo, almejando-se descobrir seus conhecimentos e experiências anteriores acerca das modalidades esportivas alternativas selecionadas para a tematização. Lembrando que a associação de uma nova prática com experiências anteriores é fundamental para o alcance da prerrogativa de “significação” na escolha de conteúdos educacionais (HAYDT, 2011).

IDENTIFICANDO A PRÁTICA (LÚDICA) SOCIAL

Dentre as cinco práticas selecionadas, o futebol americano (FA) foi a primeira a ser escolhida para a implementação de sua proposta para as escolas. Os aspectos que incorreram na escolha do FA foi, primeiramente, a sua imediata associação com a organização do jogo “Pique Bandeira” nos relatos das entrevistas, isso porque sobre os questionamentos conduzidos ao grupo de participantes, essa prática lúdica foi rememorada como uma forma de “defesa de território” assim como a compreendida no FA. A correlação do FA com os jogos populares foi valorizada no direcionamento do estudo, pois criou-se um ponto de convergência das experiências de infância dos/as participantes com a prática proposta do FA. Outro ponto relevante à escolha do FA foi a prévia existência em contexto nacional de experiências pedagógicas que vem ressignificando a prática com a implementação do *flag* nas escolas.

Os dados obtidos com a primeira aplicação das entrevistas foram subsidiadores para a elaboração do plano de aula (quarta etapa do estudo) tematizado no Futebol Americano.

IMPLEMENTAÇÃO DA VIVÊNCIA COM O JOGO DERIVADO DO FUTEBOL AMERICANO

Como planejamento da aula foi projetado, primeiramente, o desenvolvimento de uma aula expositiva dialógica (quinta etapa do estudo) com vídeos ilustrativos da organização do FA, para que os/as participantes do estudo se apropriassem de uma caracterização da prática. O segundo momento foi a aplicação de uma atividade lúdica (sexta etapa do estudo) com os/as participantes, para isso o grupo de estudo elaborou um jogo que utilizou algumas características próprias ao FA, especificamente duas

características centrais: a) movimentação de início de jogadas ou *snap*ⁱⁱⁱ e b) a bola em formato oval específica da prática do FA.

Na aula expositiva dialogada, essas duas características do FA foram as mais citadas pelos/as participantes, muitas vezes, por gestos se remetendo às técnicas das jogadas e ao formato da bola, ainda incomum no Brasil. A bola do FA foi cedida por um dos/as participantes, que ficou entusiasmado ao lembrar que um parente teria uma bola de futebol americano, e a prática ficaria muito melhor com o material oficial. A interpelação do estudante sinaliza parte da hegemonia do Esporte rendimento na história de vida esportiva dos/as participantes. Não de forma a reforçar essa hegemonia, mas sim de reforçar o sentido de pertença através da enunciação dos saberes discentes, na proposta em voga e em processo com a investigação, o jogo planejado e implementado, utilizou-se a referida bola oficial.

No entanto, salienta-se a importância de se reconhecer também a viabilidade de construção coletiva de materiais diferenciados nos “esportes alternativos”, justamente porque o intuito não é simplesmente mudar a metodologia já existente no desenvolvimento das modalidades esportivas tradicionais, mas trazer novos significados que se desprendam da inflexibilidade de se basear o valor da prática esportiva na escola, pela projeção de resultados, rendimento e espelhamento da técnica e obrigatoriedade do uso de equipamentos oficiais.

Para o desenvolvimento do jogo foram feitos ajustes perante o ambiente e organização da vivência corporal. A quantidade de participantes foi alterada visando ao desenvolvimento da prática em uma quadra poliesportiva. Buscou-se neutralizar quaisquer possibilidades de trombadas, contatos físicos para a conquista da posse de bola. Para essa última adaptação, a idealização do jogo baseou-se em uma prática que vem se expandindo no Brasil como *Flag Football*. As regras básicas do *Flag* são similares às do FA, todavia, ao invés de derrubar o jogador com a bola ao chão, o defensor deve retirar uma fita (*flag*) para parar a jogada, ou seja, as empreitadas de cada equipe para a conquista de pontos. Na maioria das jogadas, os/as jogadores/as usam um cinto, estando as duas fitas^{iv} presas por um velcro. O jogo que foi desenvolvido com os/as participantes do estudo (alunos/as do curso) foi intitulado primeiramente de *Soft Flag*, todavia, alterado para “Pique Flag” conforme sugestões dos/as participantes.

Na sétima etapa do estudo, logo em seguida à implementação do “Pique Flag”, ao final da prática foi aplicada novamente uma entrevista semiestruturada com os/as 22 acadêmicos/as, buscando compreender suas percepções sobre o jogo proposto no contexto escolar. Pelos relatos dos/as participantes, observou-se que pelas mudanças realizadas não se poderia mais falar em FA e sim de um jogo, demonstrando-se a dificuldade dos/as acadêmicos/as em pensarem “fora da caixa” do Esporte rendimento, pois a maioria ressaltou a descaracterização da prática esportiva. A referida entrevista trabalhou com ulteriores fatores: 1) Principais alterações realizadas no Futebol Americano para a criação do *Soft Flag*; 2) Percepção em relação às mudanças realizadas no futebol americano; 3) Se as mudanças favoreceram a participação de todos de maneira cooperativa; e 4) O que você teria feito de diferente na nova prática.

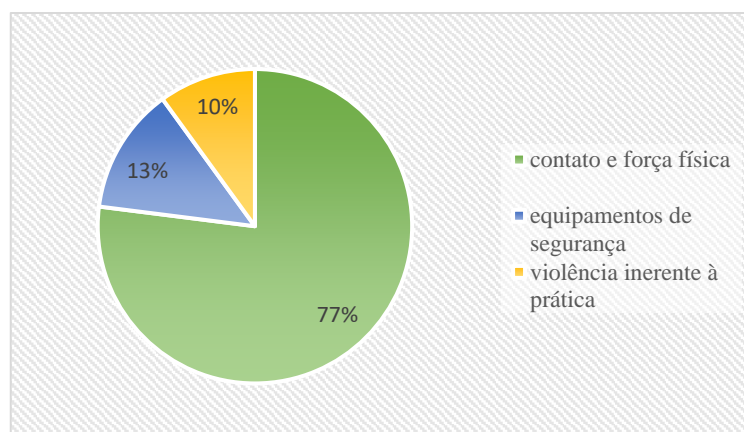
Na oitava etapa do estudo foram elaborados relatos de experiência pelos “estudantes pesquisadores”, devendo emergir dessas formulações um conjunto de reflexões acerca do desenvolvimento do estudo. Os relatos de experiência no estudo foram concebidos como primordiais para a interligação da teoria e prática (pedagógica), aproximando os/as futuros/as professores/as de sua formação inicial, ao que incorre na necessidade de estudar e compreender o universo da prática social do estudante e como a sua prática, enquanto professor, deve ser inserida como mediadora e indagadora de possibilidades de transformações do já pensado, do naturalizado, dos padrões de comportamentos esperados, assim como, das mentalidades submersas em visões de uma didática instrumental.

Os relatos de experiências além de um instrumento de coleta de dados, possibilitaram abranger, a partir do “olhar” do estudante, a análise de seu próprio processo de formação enquanto docente, frente a sua busca por organizar seus conhecimentos teórico-práticos e suas novas experiências advindas da prática pedagógica: “[...] a análise dos relatos de experiência evidencia que as atividades de ensino promovem a exposição a um grande número de vozes divergentes, convidando a ver as coisas de outra maneira” (NEIRA, 2020, p.835).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prática pedagógica com o conteúdo Esporte ainda é um contexto enrijecido pela perspectiva do favorecimento técnico e fisiológico da prática. Apenas 13 % dos/as participantes responderam de forma afirmativa à possibilidade de realizar a tematização do FA nas aulas de Educação Física escolar, mesmo salientando a necessidade de ajustes a equipamentos de segurança. Os/as participantes demonstraram dificuldade em pensar as possibilidades de derivação da modalidade esportiva Futebol Americano para o contexto escolar, 87% da amostra ressaltou não acreditar na viabilidade de realizar a prática lúdica de um jogo derivado do FA nas escolas, isso devido aos aspectos de contato físico inerentes à prática no contexto oficial. Quanto aos obstáculos relatados à implementação do jogo, os/as participantes destacaram três aspectos: 1) o contato físico presente na prática; 2) necessidade de equipamentos de segurança, e 3) violência tida como inerente à prática. Segue abaixo gráfico que expõe os percentuais desses relatos:

Gráfico 1 – Obstáculos à prática do “Pique Flag” nas escolas



Fonte: Elaborado pelos/as autores/as com base nos dados coletados

Em relação à primeira fase de aplicação de entrevistas, os/as participantes do estudo salientaram como principal diferença do FA perante as quatro modalidades esportivas tradicionais brasileiras (futebol, handebol, voleibol e basquetebol), a presença do contato físico no FA. Do total de 22 participantes no estudo, 11 (50%: S1, S2, S3, S4, S10, S13, S15, S16, S19, S20 e S21) responderam a necessidade de força física, superproteção e contato nas jogadas para a conquista de bola como as diferenças fundamentais do FA: “[...] é um jogo ‘pegado’, com constantes faltas [...]” (S4). O restante dos/as entrevistados/as indicou diferenças comuns a qualquer comparação entre práticas esportivas coletivas, logo, salientando distinções pertinentes às regras, estratégia, sistema de pontuação, equipamentos etc.

Essa organização inicial dos dados coletados foi primordial pois uma das hipóteses do estudo era o fato de que os alunos que associassem a prática do FA com a questão do contato físico, teriam maiores dificuldades de admitirem como viável a implementação de um jogo derivado no ambiente escolar. Em termos do questionamento “seria possível realizar esta prática na escola?”, tal hipótese foi comprovada pela frequência de respostas com essa associação, mesmo não sendo direta está correlação, ou seja, por mais que alguns participantes da pesquisa (50% da amostra) não tenham indicado o contato físico como sendo uma das diferenças do FA com as modalidades esportivas tradicionais, na resposta ao questionamento da “possibilidade de adequação da prática à escola”, responderam que o mais difícil para a adequação de uma prática derivada do FA seria o aspecto da agressividade presente pelo contato físico, esse foi o caso de sete entrevistados/as (aproximadamente 64% da amostra: S6, S7, S5, S8, S10, S18, e S22) entre os 11 que não indicaram a questão do contato físico como diferenças entre as modalidades esportivas.

Na segunda fase de aplicação de entrevistas, um total de 17 participantes da amostra do estudo (aproximadamente 77%), salientaram a questão do contato e força física como os obstáculos

principais para a adaptação de práticas baseadas no FA nas aulas de Educação Física Escolar (Efe). Infere-se que houve dificuldade de se correlacionar o jogo vivenciado com a modalidade esportiva, portanto, quando recebiam a pergunta, ainda associavam ao FA dentro do modelo oficial, de rendimento e não o que tinham acabado de vivenciar. A maioria dos/as entrevistados/as que indicou não acreditar nas possibilidades de adaptação de uma prática abalizada pelo FA na Efe, sinalizou a questão de equipamentos necessários para a segurança (contato físico) dos jogadores: “acredito que seria pouco provável na situação atual do FA no país, pois há falta de equipamentos deste esporte nas nossas escolas, desde equipamentos de segurança a equipamentos básicos” (S10). Novamente observa-se como referência o Esporte hegemônico, sendo que aludisse ao imperativo de equipamentos de segurança, tal qual é utilizado no FA, com ombreiras, caneleiras, capacete etc.

O FA traz características incomuns frente as modalidades esportivas tradicionais brasileiras, uma das que influenciou nos relatos (2ª. Aplicação - entrevistas) foi o revezamento entre a equipe que está no ataque e outra na defesa em cada jogada. No “Pique *Flag*” isto foi mantido por cada dois *downs*, ou seja, a equipe na defesa deveria esperar a tentativa de dois *downs* (ataque, invasão) da equipe de ataque para que pudesse retornar à situação de ataque. Os participantes tiveram dificuldades de assimilarem esta regra em sua prática: “teria permitido que os jogadores de defesa também pudessem atacar fazendo assim com que tivesse mais possibilidades [...]”, esta foi a resposta de S16 quando indagado acerca do que teria feito diferente em relação à proposta do “Pique *Flag*”.

Três participantes do estudo (S10, S7 e S5) advertiram dificuldade de pensar em adaptações para um jogo baseado no FA, primordialmente, pela necessidade de equipamentos específicos de segurança e pelo distanciamento cultural: “sim, porém seria bastante complicado, pelo fato de ser um esporte que foge completamente da nossa cultura” (S5). O remanescente da amostra que indicou “sim” ante a possibilidade de inserção da experiência com o FA ao ambiente escolar, também exibiu uma preocupação com os ajustes frente à violência inerente à prática. S8 indicou como possível a entrada de práticas lúdicas derivadas do FA nas escolas brasileiras, contudo, “[...] com adaptações para cada tipo de turma, explicando e praticando de forma lúdica e menos agressiva”, desse modo, por mais que o participante da pesquisa tenha projetado como afirmativa as adequações, respondendo “sim” à questão anteriormente citada (seria possível realizar esta prática na escola?), também salientou a necessidade de adequações perante as forças físicas e combates entre os jogadores. Para S6, “[...] o jogo teria que sofrer adaptações para a realização da mesma como, por exemplo, o campo teria que ser adaptado e teria de mudar as regras para ser menos agressivo pela falta do equipamento de segurança”.

Na aplicação da prática foram evidenciados dados importantes perante a análise de como os “estudantes pesquisadores” compreenderam suas experiências e intervenções com esta proposta de tematização do FA na escola. Primeiramente, deve ser destacado que esta proposta teve como elemento chave a perspectiva da equidade, e através dela buscou-se ampliar, afora, aprofundar a compreensão do Esporte sob várias dimensões além do simples “saber fazer” (BARROSO, DARIDO, 2009), mas que os alunos lidassem com conceitos, desenvolvessem reflexões, valores e atitudes críticas sobre o contexto.

O direcionamento pedagógico foi traçado pela perspectiva cultural, concebendo que cada aluno pela sua história de vida e prática social representa uma cultura singular que forma a sua identidade e marca os seus significados nas práticas escolares, portanto, os marcadores sociais das diferenças presentes nas danças, lutas, esportes, etc., devem ser problematizados para a ressignificação de práticas e enfrentamento a diferentes formas de discriminação que interferem no que tem ou não valor a ser “jogado” na escola. Para Neira (2020) esses marcadores são utilizados para a disseminação de significados que atendem a interesses neoliberais de consumo forjados em padrões performáticos e na hierarquização de práticas corporais e identidades envolvidas em um pensamento hegemônico.

No caso específico de aplicação do jogo, não havia nenhuma delimitação prévia no plano de aula que indicasse medidas a serem diretamente conduzidas para a inclusão de meninas no desenvolvimento do “Pique *Flag*”, contudo, uma das adequações realizadas pelo grupo de pesquisadores foi definir a regra de que somente seriam validados os pontos a partir do momento que diretamente as meninas tivessem participado com passes no desenvolvimento do jogo. Esse aspecto foi relatado na segunda aplicação das entrevistas, mormente, em relação ao questionamento sobre as percepções acerca das

adaptações realizadas no FA: “o fato das mulheres terem que tocar na bola para a validação do ponto, tenho uma percepção de que, com as mudanças realizadas a atividade pode ser dada de forma segura e tranquila, fazendo com que os alunos tivessem a percepção do jogo” (S11). Dois componentes do referido grupo dos “estudantes pesquisadores” (P1 e P2), reportaram-se em seus relatos de experiência, que após o desenvolvimento da prática, arrependeram-se da posição pedagógica que tiveram improvisando com a adequação da referida regra para a participação das meninas: “[...] isto de certa forma, reforçou o problema [...]” (P2).

Pela pesquisadora orientadora, essa ação foi estrategicamente aceita e observada para não se incorrer em indução, sobretudo, porque os “estudantes pesquisadores”, enquanto também educadores/as em formação inicial, tiveram suas decisões e ações analisadas no estudo. Com base na extensa produção de conhecimento na formação de professores e saberes docentes, a formação do professor reflexivo (SCHÖN, 1976) e autor de sua própria prática envolve uma aproximação da teoria e prática, análise do seu contexto de atuação, sobretudo, a crítica para a reconstrução de sua prática cotidiana.

No caso de aulas de Educação Física e a disparidade entre o nível de habilidade de meninos e meninas, ainda existe uma crença entre os professores de Educação Física, que ao baixarem e manterem reduzido o nível de dificuldade das atividades, estão viabilizando a inserção das meninas na prática, então, “discursam aos meninos que isto é para que as meninas possam participar”, ou mesmo, que “devem auxiliá-las incansavelmente na realização das atividades”. Esse equívoco pedagógico limita o desenvolvimento de todos (meninos e meninas) e estimula a ideia de diferenças como hierarquia de habilidades e competências, ou seja, reforça desigualdades (ALTMANN, 1998, 2015, 2018; ALTMANN, AYOUB, AMARAL, 2011; ALTMANN, MARIANO, UCHOGA, 2012). A resignificação da prática deve ocorrer buscando novas oportunidades de participação de meninos e meninas sem prévias definições de competências e sem a separação de mais ou menos habilidosos como culturalmente há no contexto esportivo brasileiro: “meninos nasceram para jogar futebol, meninas nasceram para dançar”, nesse âmbito justifica-se a escolha do presente estudo que tratou das possibilidades de reinvenção da prática esportiva, a partir de uma modalidade praticamente desconhecida do cotidiano brasileiro como o Futebol Americano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha pela tematização dos “esportes alternativos” na Educação Física escolar foi guiada pela compreensão de que a mudança precisa do novo e sob outro olhar, como um caminho para o desprendimento e dissociações de experiências negativas anteriores, desconstrução de práticas tidas como verdades absolutas e como instrumentos de hierarquizações de práticas corporais e habilidades.

A indagação de o “por que o FA?” é também um estímulo a novos estudos que busquem a superação de uma monocultura esportiva na escola, e tentem trazer da prática social local do estudante, a possibilidade de criação de novas práticas, valorizando o que se tem nos contextos comunitários de jogos e brincadeiras. No presente estudo foi abordada a derivação de práticas esportivas alternativas, no entanto, poderiam ser as próprias práticas esportivas tradicionais que fossem exploradas sob outras perspectivas. A escolha pelo FA compôs as contrapartidas da coleta de dados do estudo, a partir do momento que os “estudantes pesquisadores” sinalizaram o interesse pela prática, incorrendo também em um campo de novos estudos que busquem analisar a influência que perdura da cultura estadunidense nas prevalências esportivas brasileiras.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. *Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física*. Dissertação de mestrado em educação. Belo Horizonte: UFMG, 1998, 111p.

ALTMANN, H.; AYOUB, E.; AMARAL, S. C. F. Gênero na Prática Docente em Educação Física: “meninas não gostam de suar de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 2, p.492-500, maio 2011.

ALTMANN, H.; MARIANO, M; UCHOGA, L. A. R. Corpo e movimento: produzindo diferenças de gênero na educação infantil. *Pensar a Prática*, Goiânia, n. 2, p. 285-302, abr. 2012.

ALTMANN, H. *Educação Física escolar: relações de gênero em foco*. São Paulo: Cortez, 2015. (Coleção Educação & Saúde).

ALTMANN, H. et al. Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, V. 26, N.01, 2018.

ARAÚJO, S. N.; ROCHA, L. O.; BOSSLE, F. Sobre a monocultura esportiva no ensino da Educação Física na escola. *Pensar a Prática*, Goiânia, v.21, n.04, 2018.

AUAD, D.; CORSINO, L. Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na Educação Física escolar. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n.01, 2018.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROSO, A. R.; DARIDO, S. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. *Revista de Educação Física/UEM*, Maringá, v. 20, n. 2, p. 281-289, 2. trim. 2009.

BETTI, M. *Educação Física e Sociedade - a Educação Física na Escola Brasileira*. Ijuí: Unijuí, 2020.

BRACHT, V. *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1997.

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. *Movimento*, Porto Alegre, n.12, 2000.

BRACHT, V; ALMEIDA, F. Q. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 24, n.03, 2003.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. São Paulo: Vozes, 2007.

CANDAU, V. M. A didática e a formação de educadores - da exaltação à negação: a busca da relevância. In: _____. *A didática em questão*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GAROZZI, G. V.; VIEIRA, H. B.; AGNEZ, M. O. Conteúdos inovadores na Educação Física: esportes de aventura na natureza. *COMBRACE*, Goiânia, 2017.

HAYDT, R. C. *Curso de didática geral*. São Paulo: Ática, 2011.

MATOS, M. Esportes Alternativos: o que são e quais são seus benefícios para a Educação Física Escolar? *Revista Saúde Física & Mental*, v. 6, n. 2, p. 1-11, 2019.

MOREIRA, A. F. B; CANDAU, V. M. Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura. *Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica*, p. 01-48, 2007.

NEIRA, M. G. Os conteúdos no currículo cultural da Educação Física e a valorização das diferenças: análises da prática pedagógica. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v.18, n.2, 2020.

SANTOS, E. L. dos; COELHO, M. R. V.; RAMOS, E. M. O. *Ultimate frisbee* como prática alternativa para o lazer nas aulas de Educação Física: a experiência no PIBID/UEFS. In: SILVA, A. J. N. da; SILVA FILHO, V. C. dos S. *(Des)Estímulos às teorias, conceitos e práticas da educação*. Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

SCHÖN, D. A. *Educando o Profissional Reflexivo: Um Novo Design para o Ensino e a Aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VAGO, T. M. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – um diálogo com Valter Bracht. *Movimento*, Porto Alegre, n.5, 1996.

Recebido em: 10.01.2024

Aprovado em 10.04.2024

ⁱ Na 1ª. Fase da coleta seguiu a distribuição de tarefas protagonizadas pelos “estudantes pesquisadores” da seguinte forma: P1 (Explicação do modelo de prática do Futebol Americano), P2 e P3 (coordenação da aplicação das entrevistas). Na 2ª. Fase da coleta, foram definidas as tarefas na ulterior organização: P1 (Regência direta da aula), P2 (Regência de apoio à Aula) e P3 (coordenação da aplicação das entrevistas).

ⁱⁱ S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15, S16, S17, S18, S19, S20, S21, S22.

ⁱⁱⁱ Snap é o lance inicial de cada jogada no futebol americano (ou mesmo, no flag football), na qual o jogador passa a bola para trás e por baixo das pernas, chegando à bola para o quarterback. Disponível em:
< <https://flagfootballbrasil.com.br/quarta-de-regras-passes/> >.

^{iv} No caso do jogo derivado, para a facilitação de recursos materiais as fitas foram recortadas de retalhos de panos e presos nas bermudas ou agasalhos dos/as participantes do estudo.

^v No caso do jogo derivado, para a facilitação de recursos materiais, as fitas foram recortadas de retalhos de panos e presos nas bermudas ou agasalhos dos/as participantes do estudo.